

02

A LOUCURA ENTRE NÓS: A EPIDEMIA EM O HORLA, DE GUY DE MAUPASSANT, E NA POLÍTICA ATUAL DO NOVO CORONAVÍRUS

Fabiane Alves Martins

Recebido em 25 out 2020. Fabiane Alves Martins, doutoranda pela Universidade Federal Fluminense e pesquisadora do grupo de pesquisa sobre distopia.

Aprovado em 25 jan 2021.

<http://lattes.cnpq.br/6371366168097182>

<https://orcid.org/0000-0003-3841-5618>

alvesfabiane777@gmail.com

Resumo: Através do estudo da vertente fantástica no escritor francês Guy de Maupassant, o presente artigo se dispõe a analisar a presença do tema da epidemia em sua novela “O Horla”, produção de grande importância em meio ao seu rico repertório literário. Em um paralelo com a obra, será abordada a atual pandemia de coronavírus, em um estudo de diferentes medidas adotadas por países que se destacaram no combate ao vírus. Em uma abordagem intimista, a obra de Maupassant traz um ser de fora que ameaça a segurança de seu personagem, em um fenômeno que ele identifica como uma epidemia de loucura que, na narrativa, teria origem no Brasil. Na atualidade, essa passagem ganha vida na maneira como certos países lidaram com a crise em suas mãos. Tendo como estratégia presidencial um negacionismo extremo, esse fenômeno se mostrou bastante presente em governos como os do Brasil e

dos EUA, que se apoiaram em um discurso cada vez mais distanciado da perspectiva científica. Em meio ao caos surgido da atual pandemia, “O Horla” mostra seu caráter atemporal.

Palavras-chave: Maupassant. Fantástico. Política. Epidemia. Negacionismo. Ciência.

Abstract: Through the study of the fantastic aspect in the French writer Guy de Maupassant, this article sets out to analyze the presence of the theme of the epidemic in his novel *The Horla*, a production of great importance amid its rich literary repertoire. In parallel with the work, the current coronavirus pandemic will be addressed, in a study of different measures adopted by countries that stood out in the fight against the virus. In an intimate approach, Maupassant’s work brings an outsider who threatens the safety of his character, in a phenomenon that he identifies as an epidemic of madness that, in the narrative, originated in Brazil. Nowadays, this passage comes to life in the way in which certain countries have dealt with the crisis in their hands. With a presidential strategy of extreme negationism, this phenomenon was very present in governments such as those in Brazil and the USA, which supported themselves in a discourse that was increasingly distant from the scientific perspective. In the midst of the chaos that emerged from the current pandemic, *The Horla* shows its timeless character.

Keywords: Maupassant. Fantastic. Policy. Epidemic. Negationism. Science.

Mais de um século se passou desde a publicação de “O Horla”, em 1887, e até hoje ela é, sem dúvida, uma das obras mais conhecidas de Guy de Maupassant. Sua genialidade reside em seu caráter atemporal, pois mesmo um leitor do século XXI é facilmente envolvido pelas detalhadas descrições das paisagens francesas,

assim como dos sintomas vivenciados pelo protagonista da obra, em uma narrativa de mistério e suspense. Maupassant viveu em uma época de grande desenvolvimento científico, o que se mostra presente em diversos aspectos da produção do autor. Esse é um dos motivos de sua veia fantástica receber tamanha atenção em meio ao seu vasto repertório literário, pois não somente inclui uma concepção científica da realidade do texto como questiona sua posição de detentora de uma verdade universal indiscutível.

Na construção do discurso fantástico, “O Horla” joga com a presença de uma doença longínqua, que se mostra a explicação racional para um personagem já perdido em desespero. “O Horla” traz uma abordagem diferenciada sobre a epidemia, com uma doença enquanto possível resposta aos acontecimentos insólitos que ameaçam a vida do narrador. Porém, uma vez que se trata de uma narrativa fantástica, ela traz em sua base a forte dualidade que impossibilita ao leitor encontrar uma verdade absoluta em relação aos eventos descritos. De um lado, temos uma explicação sobrenatural, segundo a qual uma criatura estaria se alimentando da força vital do protagonista, dominando-o aos poucos. Por outro lado, temos uma explicação racional, que vê os acontecimentos descritos como uma construção da mente fragilizada do narrador, que pode estar vivenciando um distúrbio mental. Em meio à falta de certezas, uma crise sanitária ocorrida no Brasil é mencionada como fonte dos problemas descritos.

A singularidade da novela reside na abordagem intimista da vida do protagonista, que insere o leitor em seus questionamentos e temores mais profundos, enquanto uma possível comorbidade, aos poucos, toma conta de seu corpo e de sua mente. Maupassant

desenvolve, assim, uma análise minuciosa da reação do personagem a um problema que desafia os limites da razão. Solitário em sua luta interna, ele deve controlar o próprio medo, não sucumbindo à insanidade, uma vez inserido no que ele mesmo chama de uma “epidemia de loucura” (MAUPASSANT, 2011, p. 48).

Decerto, a obra de Maupassant apresenta características, mas, principalmente, críticas ao século XIX. Mas será possível estabelecer uma relação com o século XXI? A presença do tema da epidemia em “O Horla” nos permite discutir alguns dos aspectos mais marcantes da crise que muitos países vivenciam atualmente. Enquanto aprendemos a lidar com uma doença pouco conhecida, a análise que o escritor faz de seu personagem, assim como a sua reação ao problema, nos permitem refletir as decisões tomadas por diversos líderes mundiais, na corrida contra o coronavírus. O que Maupassant chama de “epidemia de loucura” se torna uma grande metáfora para o momento atual que vivemos, pois, diante de uma crise mundial, testemunhamos, a cada dia, atitudes de governantes e das mídias que desafiam a razão, o que apresenta consequências, muitas vezes, desastrosas para a população em geral. Em meio a um negacionismo extremo de alguns líderes e à desinformação do povo, a visão racional acaba cedendo lugar a mitos e crenças sobre a nova pandemia, em um paralelo com a própria base fantástica de “O Horla”. Se no século de Maupassant, a ciência em ascensão era por ele colocada à prova, hoje nos deparamos com uma situação mais complexa.

Assim, o presente artigo toma como base a hipótese de Bruno Latour, presente em seu livro *Down to Earth*, que consiste no fato de que “não podemos entender nada sobre a política dos últimos 50 anos se não colocarmos a questão das mudanças climáticas

e sua negação à frente e no centro” (2018, p. 2). Em seu livro, o negacionismo é analisado enquanto uma estratégia em torno da questão da mudança climática, tendo o presidente Donald Trump como um de seus maiores representantes. Nesse artigo, o conceito de negacionismo é alargado para abarcar a reação de alguns governantes ao novo coronavírus, o que inclui não somente o discurso do atual presidente norte-americano, mas também do presidente brasileiro Jair Bolsonaro, durante os meses que sucederam o surto da doença nos Estados Unidos e no Brasil.

A AMEAÇA DO OUTRO

A novela de Maupassant nos apresenta um personagem ligado ao seu lar, terra natal de seus antepassados. Porém, uma série de acontecimentos estranhos começam a perturbá-lo. Em sua casa, uma presença inexplicável consome suas noites, enquanto a medicina não se mostra capaz de decifrar o mistério que seu diário apresenta a cada página. No dia 16 de maio, em um simples parágrafo, o personagem chega à conclusão de que está doente, como mostra a passagem seguinte:

Decididamente, estou doente! E estava tão bem no mês passado... Estou com febre, uma febre atroz, ou melhor, uma excitação febril, que indispõe tanto minha alma quanto meu corpo! Tenho sem parar essa assombrosa sensação de um perigo ameaçador, essa apreensão de um infortúnio que está para acontecer ou da morte que se aproxima, [...] que germina no sangue e na carne. (MAUPASSANT, 2011, p. 14)

O mal físico rapidamente dá lugar à descrição de uma sensação mais íntima, como uma apreensão profunda que traz à superfície de

seu ser a presença de algo desconhecido. Conforme a possibilidade de uma explicação se torna cada vez mais distante, suas descrições revelam uma profunda apreensão devido à influência do ser que o ronda. Assim, durante uma viagem feita ao monte Saint-Michel, ele conhece um monge que apresenta as lendas e crenças do povo da região. É nesse ambiente austero que o narrador começa a se perguntar se é possível a existência em nosso mundo de seres diferentes de nós, sem que ninguém os tenha notado, ao que o monge responde:

Será que vemos a centésima milésima parte do que existe? Veja só o vento, que é a maior força da natureza, que derruba os homens, abate as construções, desenraíza as árvores, eleva o mar em montanhas de água, destrói as falésias, arremessa para os recifes os grandes navios, o vento que mata, assobia, geme, muge, você já o viu ou pode vê-lo? E no entanto ele existe. (MAUPASSANT, 2011, p. 21)

Subitamente, o personagem começa a duvidar de suas certezas e valores, pois tudo o que acreditava até aquele momento parecia não responder aos seus questionamentos mais básicos. Porém, em uma viagem a Paris, surge a negação de seu estado, em uma última tentativa de se ater a algo palpável para sua razão, que se apresenta no trecho: “Devo ser o brinquedo da minha excitada imaginação, a menos que não seja verdadeiramente sonâmbulo, ou que tenha sofrido uma dessas influências constatadas, mas inexplicáveis até hoje, chamadas de sugestões” (MAUPASSANT, 2011, p. 26). Depois de seu retorno à casa, ele volta a se sentir mal, sendo que, dessa vez, perdido em dúvidas, o narrador chega à conclusão de que o causador de seus problemas é um ser invisível chamado Horla: “O

que há comigo então? É ele, ele, o Horla, que me assombra, que me faz pensar essas loucuras! Ele está em mim, converte-se em minha alma” (MAUPASSANT, 2011, p. 53). Loucura ou não, o narrador se afunda em divagações sobre seu estado de espírito cada vez mais desestruturado.

Se, por um lado, o protagonista não é nomeado durante a novela, a criatura que reverbera em seu âmago é identificada como o Horla. Na análise de Myriam Roman, a escolha do nome, que não é arbitrária, tem diferentes leituras de seu significado, sendo uma das teorias que o nome tenha relação com o termo russo *oriol*, que significa águia. Outra leitura mostra que pode se tratar de um neologismo inspirado na palavra normanda *horsain*, que significa *estrangeiro* (2001, p. 189). O interesse no nome da criatura reside no fato de que, em seu cerne, ele significaria algo ou alguém de fora, aquele que chega, simbolismo complementado pela outra possibilidade de leitura que residiria em um jogo de palavras com a expressão francesa *hors la loi*, ou seja, *fora da lei*, o que nos leva à base do gênero fantástico, pois, se este reside no equilíbrio entre uma explicação baseada nas leis do mundo natural e outra explicação que transgride essas mesmas leis, a criatura se torna um violador da ordem, anunciando em seu próprio nome o destino ao qual se encaminha.

Já na análise de Michel Serres, o nome pode ainda ser a justaposição das palavras francesas *hors*, que significa *fora*, e *là*, indicando um ponto de referência próximo do local de quem fala (1995, p. 62). A base francesa do nome cria um oxímoro importante para mostrar a situação fragmentária do narrador, que irrompe no texto. A definição do nome da criatura confirma,

assim, sua permanente indefinição. Funcionando como extremos, sempre em tensão, as duas partes do nome do ser que disputa a sanidade do personagem se unem para ilustrar o combate entre seu interior e exterior. O Horla, enquanto este ser que vem em um movimento de fora para dentro, representa uma forte ameaça ao sujeito que, na vã tentativa de obter respostas, vê seu mundo e sua mente totalmente desestruturados. Na obra, o narrador deve enfrentar a figura desconhecida que se manifesta dentro dele. Esse fato pode ser observado na cena em que o personagem se olha no espelho e, ao invés de seu próprio reflexo, percebe a aparição de um Outro:

Via-se como em pleno dia, e não me vi no espelho!... Estava vazio, claro, profundo, repleto de luz! Minha imagem não estava ali... E eu estava em frente a ele! [...] não ousava mais fazer um movimento, sentindo, porém que ele estava ali, mas que me escaparia de novo, ele cujo corpo imperceptível devorara meu reflexo.

Como tive medo! Depois subitamente comecei a notar-me em uma bruma, no fundo do espelho, em uma bruma como através de um lençol de água; e parecia-me que essa água deslizava da esquerda para a direita, lentamente, tornando a cada segundo minha imagem mais precisa. Era como o fim de um eclipse. O que me ocultava não parecia possuir contornos claramente determinados, mas uma espécie de transparência opaca, clareando-se pouco a pouco.

Pude enfim me distinguir completamente, assim como o faço todos os dias ao me olhar.

Eu o vira! O pavor dessa visão permaneceu em mim, e ainda me faz tremer. (MAUPASSANT, 2011, p. 54)

Em seu movimento de fora para dentro, o Horla invade a casa e o corpo do narrador. Nesse trecho crítico da narrativa, no qual o personagem percebe a presença de outro ser que toma seu reflexo, nota-se que o Horla já se estabeleceu em seu íntimo, ao ponto de se tornarem um. Esse Outro, que se coloca face a face com o protagonista, evidencia a relação que o Eu desenvolve com o mundo exterior, visto que o Horla representa o estrangeiro, desestruturando as certezas e valores do narrador. Dessa forma, o Outro representa o que está fora do Eu, mas que acaba sendo incorporado a esse mesmo Eu, levando-nos diretamente ao conceito de alteridade, que é responsável por engendrar as transformações no sujeito. Como mostra Des Aulniers, “o conhecimento de si passa pelo do Outro” (2007, p. 15 apud JIMÉNEZ, 2010, p. 61).

Assim, a alteridade pode ser definida como “a parte da existência que é reconhecível, que muda radicalmente ou modifica o sujeito, além de poder ser concebida como ameaça à identidade, à integridade, à singularidade” (DES AULNIERS, 2007, p. 19 apud JIMÉNEZ, 2010, p. 66). A alteridade é tida como um perigo ao Eu, dada a natureza incerta do contato com o desconhecido. Havendo uma ruptura da relação estável com o seu exterior, o sujeito experimenta um deslocamento do Eu, que permite a aparição de uma vulnerabilidade no cotidiano, como indica Authier:

Em ruptura com o Eu, fundamento da subjetividade clássica, concebida como um interior face a uma exterioridade do mundo, a base do sujeito é aqui transferida em direção a um lugar múltiplo, fundamentalmente heterônimo, no qual a exterioridade está no interior do sujeito. (AUTHIER, 1984, p. 24, apud ORLANDI, 2011, p. 48)

Dentro dessa leitura, “O Horla” representaria o deslocamento interior do sujeito em direção ao conhecimento do mundo, permitindo, conseqüentemente, o conhecimento de si.

Porém, na novela, esse deslocamento sugere a quebra dos limites de uma relação saudável com o Outro, no momento em que ocorre um desdobramento da personalidade do narrador, que se vê como uma pessoa diferente. Assim, o tema utilizado pelo autor para problematizar a relação entre sujeito e seu íntimo é o duplo. Como observa Michel Serres, “a alma, a identidade e o eu se definem por sua relação com o duplo” (1995, p. 67). Dessa forma, o desdobramento do sujeito, ocorrido em razão da constatação do Horla, ocorre de forma tão drástica que acaba por produzir uma grande tensão na mente do mesmo, destruindo sua psique e o fazendo penetrar na loucura. Michel Demangeat explica a representação literária do duplo enquanto “esse demônio, essa ameaça, essa inquietude” (2004, p. 39). Na análise de Kristeva, ela mostra que “o choque com o Outro, a identificação do ego com esse Outro, bom ou mau, que viola os limites frágeis do ego incerto, estariam, finalmente, na origem do sobrenatural” (1994, p. 44).

Dessa forma, a obra centraliza a interpretação dos sinais de uma presença ameaçadora pelo personagem, que deve se proteger das conseqüências devastadoras desse contato. Entretanto, mesmo com a percepção de algo estranho que interfere em seu cotidiano, o protagonista não é capaz de interromper a influência do Horla, que o faz adentrar em uma obsessão latente, responsável pela tomada de decisões impensadas e violentas. A insanidade o envolve até o nível da escrita, com o uso de uma linguagem

p. 99). É possível perceber, em meio a um ambiente político e social instável da França da segunda metade do século XIX, a emergência de um grande florescimento de ideias, lideradas pelo princípio do progresso.

Com o advento de novas ciências, no final do século XIX, como a psicologia, além do grande avanço em outros ramos, tais como a medicina e a biologia, diversos autores incluem em seus textos tais áreas, atestando um forte apelo ao racionalismo. O escritor da segunda metade do século XIX inclui em suas obras as causas dos problemas sociais, sendo a aplicação dos métodos científicos na literatura uma maneira de compreender os problemas através de um pensamento racional. É preciso descrever os fenômenos observados através de uma ficção calcada na realidade. Assim, o escritor se torna um experimentador, como aquele que descreve a sociedade com um olhar clínico.

É importante ressaltar que a relação de Maupassant com o tema da doença não se resume a essa novela. Em outras obras, ele aborda diferentes sintomas e tratamentos, em uma ambientação científica que faz eco à revolução ocorrida no século XIX. Inegavelmente, o conhecimento de distúrbios neurológicos e psicológicos lhe possibilitaram um olhar singular sobre as abordagens médicas do século XIX. Com um grande interesse pelos avanços da medicina de sua época, Maupassant inclui em “O Horla” uma série de sintomas que mostram que “o sobrenatural é internalizado: ele se torna o mistério da mente humana” (STRAUB, 2015, p. 5).

Um exemplo da presença de elementos ligados ao pensamento científico é a figura do médico, que aparece em diversos dos textos

de Maupassant. Em “O Horla”, o narrador indica que procurou ajuda para curá-lo de seu mal-estar físico e mental na passagem: “Acabo de consultar um médico, pois não podia mais dormir” (MAUPASSANT, 2011, p. 14). Juntamente com a profissão, são encontradas nomenclaturas técnicas, assim como diagnósticos e prescrições de tratamentos, como por exemplo, na passagem: “Ele me achou com a pulsação acelerada, a pupila dilatada, os nervos em frangalhos, mas sem nenhum sintoma alarmante. Devo me submeter a duchas e beber brometo de potássio” (MAUPASSANT, 2011, p. 14). Porém, a busca de uma perspectiva científica se encontra, principalmente, na tentativa do personagem em esclarecer os episódios que se sucederam recentemente em sua vida, relacionando os sintomas que apresenta a uma doença desconhecida.

Na obra de Maupassant, há uma discussão constante da eficácia das ciências em responder certas questões, com um questionamento que permite ao leitor, através da própria narrativa fantástica, refletir sobre o papel da visão científica e do progresso no final do século XIX. Segundo Andreas Gipper, o fantástico “nasce no momento histórico no qual o projeto filosófico de uma reorganização racional de todos os domínios do saber se impõe e no qual os modelos religiosos de interpretação do mundo são substituídos na Europa por paradigmas científicos” (2014, p. 84). Entretanto, o embate de forças entre crenças e uma visão científica ganhou um novo espectro na atualidade, em um momento histórico que vê surgir o forte movimento negacionista identificado nos discursos proferidos por líderes como Bolsonaro e Trump, que se coloca contra a visão científica. O que se observa atualmente não é uma discussão sobre os limites da ciência, como observado em

autores como Maupassant, mas discursos contraditórios que se mostram perigosos, principalmente para a população.

Bruno Latour discute a importância de se colocar as ciências em um lugar central no que se refere à mudança climática. Segundo ele, “sem as ciências, o que saberíamos do Novo Regime Climático? E como poderíamos esquecer que as ciências se tornaram o alvo privilegiado dos negacionistas das mudanças climáticas?” (2018, p. 65). Da mesma forma, as ciências são fundamentais para a compreensão do desenvolvimento da COVID-19, se quisermos vencer a guerra ao final. Apesar de sua importância, líderes negacionistas atacam diretamente os cientistas, na tentativa de manter um discurso baseado em suposições e apostas, sendo ele motivado por preocupações econômicas.

Durante o período relativo ao surto de coronavírus nos EUA, uma das ações que mais se destacaram foi o afastamento do Centro de Controle e Prevenção de Doenças na análise do vírus em diversas instâncias. Como citado anteriormente, em julho de 2020, a coleta de dados referentes à doença passou a ser feita pela administração pessoal do presidente. O site *The conversation* mostra que, além desse fato, a organização governamental também foi afastada das coletivas de imprensa entre 9 de março e 12 de junho, o que ocorreu após entrevista em 25 de fevereiro, com a diretora de imunização e doenças respiratórias Nancy Messonnier. Em sua entrevista, ela explica que o vírus não seria contido e que se tornaria uma pandemia. Logo em seguida, o mercado de ações despencou e Messonnier foi removida das discussões. Além desse fato, Trump afirmou que o diretor da organização, Robert Redfield, teria sido mal citado em relação à sua advertência sobre as dificuldades em torno

do vírus, que se tornaria mais forte durante a temporada de gripe. Redfield se manifestou em seguida, dizendo que a citação havia sido feita da maneira correta, pois viriam tempos complicados à frente (SMITH, 2020). Com todos os embates entre a presidência e o CDC, este último perdeu seu lugar na luta contra a doença, enquanto a presidência mostrava soluções que, em muitos casos, não tinham respaldo científico. Segundo Howard Koh, ex-secretário assistente de saúde dos EUA, “eles foram postos de lado [...] precisamos da liderança científica agora” (SMITH, 2020).

O Brasil, por outro lado, já viu a troca do ministro da saúde duas vezes no ano de 2020, passando por Luiz Henrique Mandetta, Nelson Teich e o atual Eduardo Pazuello. A troca consecutiva de ministros serviu para desestruturar ainda mais os planos de contenção da doença, em um momento tão crucial para o país, que tem como atual responsável um militar sem experiência prévia na área da saúde, segundo Renata Mariz (2020). Os dois primeiros ministros, Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, tinham formação médica, porém não conseguiram entrar em acordo com Bolsonaro em relação ao uso da cloroquina em pacientes de COVID-19. Já o ministro Pazuello conseguiu se manter no posto até a presente data, sendo que, no mês de maio, nomeou mais nove militares para atuar no ministério. No dia 28 de agosto, o ministro nomeou ainda o veterinário Laurício Monteiro Cruz para coordenar o programa nacional de imunização, mesmo este não tendo formação na respectiva área. O que gera preocupação em meio a todas as recentes nomeações é a mudança de cargos que geram cada vez menos conflito com o discurso presidencial, afastando a ciência de um lugar antes reservado a ela. A composição de um grupo que

não apresenta nenhuma experiência prévia com as áreas da saúde, principalmente no que concerne ao SUS, é problemático, em um país que apresenta um alto número de casos da doença.

CONCLUSÃO

Maupassant marcou a cena literária francesa em um momento histórico que tivera um simples vislumbre das possibilidades científicas desenvolvidas nos séculos seguintes. Sua concepção de literatura, influenciada pelo grande desenvolvimento do pensamento científico, no final do século XIX, aborda temas que se mantêm atuais, mesmo décadas após sua escrita. A atualidade do relato de Maupassant se dá justamente na maneira como lidamos com o insólito da nossa realidade, com o que assombra nossas possibilidades diárias, afinal, o estranho não é aquilo que salta aos olhos completamente, mas o que surge aos poucos, de forma gradual. Vivenciamos uma mudança que passou a fazer parte de nossa rotina diária, mas por mais que o vírus seja o grande causador de tamanha mudança em nossas vidas, precisamos nos proteger ainda mais do insólito que ronda o meio político em nosso país. O sentimento geral em relação a determinados líderes é de insanidade. Desse modo, a troca de informações perde seu lugar para os extremismos que, por sua vez, são um terreno fértil onde proliferam o racismo, a incultura e a violência gratuita. Na era da informação, as pessoas parecem estar mais desinformadas do que nunca.

Diante de todas essas medidas e mudanças, o medo, porém, acabou se tornando uma constante em nosso próprio contato com o mundo exterior. O que ocorreu frente ao desafio que as nações

do mundo tiveram de enfrentar foi um sentimento generalizado de fragilidade e insegurança diante da presença perturbadora de um perseguidor anônimo que se esquia e se disfarça, assim como se observa na escrita de Maupassant. Porém, maior que o medo da doença, foi o medo de ser refém da mesma, o que se tornou uma desculpa para atitudes impensadas. Em meio a informações conturbadas, falta de dados e líderes que questionam a todo o momento os conselhos médicos, a população se viu desorientada e desinformada, o que não permite uma gestão correta do problema enfrentado.

Em seu acervo de obras fantásticas, Maupassant apresenta temas ligados a medos íntimos e primitivos, nos quais o leitor se vê rapidamente inserido no decorrer da leitura. Porém, esses medos não aparecem somente nas descrições de situações e seres misteriosos e sobrenaturais, mas, pelo contrário, suas obras caminham para uma centralização da perspectiva humana, em que o homem é o pior dos monstros, aquele que deve ser temido, evidenciando uma crítica social intrínseca que remete a uma leitura reflexiva no quadro final desenhado. Sutilmente, a explicação racional se torna ainda mais assustadora que a possibilidade do sobrenatural, nas suas obras.

Com a maior ocorrência de pandemias desde 2018, a OMS reconheceu a necessidade de se preparar antecipadamente às incidências de novos patógenos, com potencial de emergência internacional, o que se tornou uma prioridade para a pesquisa e o desenvolvimento. A aparente paranoia que surge do contato com o Outro sintetiza o mundo contemporâneo e principalmente o ano de 2020. Por esse motivo, através do olhar do personagem de

Maupassant, o presente artigo tentou dar um sentido à insanidade com a qual nos deparamos cada vez mais atualmente e que se mostra um sintoma não do coronavírus, mas da ignorância e ganância humanas. Quando conseguimos vencer esses problemas, se torna possível vencer o inimigo que nos domina e enfraquece, como Maupassant afirma a respeito do Horla: “o animal, algumas vezes, revolta-se e mata aquele que o domou...” (2011, p. 50). A pergunta que resta é se vamos conseguir aprender com os erros cometidos ou se vamos sucumbir à insanidade, como em “O Horla”.

REFERÊNCIAS

ASPINWALL, Nick. Taiwan’s COVID-19 Success Story Continues as Neighbors Fend Off New Outbreaks. *The Diplomat*, 11 set. 2020. Disponível em: <https://thediplomat.com/2020/09/taiwans-covid-19-success-story-continues-as-neighbors-fend-off-new-outbreaks/>. Acesso em 4 out. 2020.

BREMMER, Ian. The Best Global Responses to COVID-19 Pandemic. *Time*. 12 jun. 2020. Disponível em: <https://time.com/5851633/best-global-responses-covid-19/>. Acesso em 11 out. 2020.

CARVALHO, Daniel. Alcolumbre reage a pronunciamento de Bolsonaro e diz que país precisa de um líder sério. *Folha de S. Paulo*, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/alcolumbre-reage-a-pronunciamento-de-bolsonaro-e-diz-que-pais-precisa-de-um-lider-serio.shtml>. Acesso em 11 out. 2020.

COLLMAN, Ashley. Brazilian President Bolsonaro suggested his people are naturally immune to the coronavirus, claiming they can swim in sewage and “nothing happens”. *Business Insider*, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/coronavirus-jair-bolsonaro-suggests-brazilians-immune-to-disease-baseless-2020-3>. Acesso em 11 out. 2020.

DEMANGEAT, Michel. Rituel et liturgie du double dans la création littéraire. *Imaginaire & Inconscient*, v. 14, n. 2, p. 35-48, 2004. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-imaginaire-et-inconscient-2004-2-page-35.htm>. Acesso em 26 ago. 2020.

GELERIS, Joshua. Observational Study of Hydroxychloroquine in Hospitalized Patients with Covid-19. *The New England Journal of Medicine*, 7 maio 2020. Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMoa2012410>. Acesso em 11 out. 2020.

GIPPER, Andreas. Le conte de fées aux temps de l'incroyance. Conflits épistémologiques dans les contes fantastiques de Charles Nodier. *Romantisme*, n. 123, p. 83-94, 2004. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-romantisme-2004-1-page-83.htm>. Acesso em 19 jun. 2020.

HABERMAN, Maggie; COOPER, Michael. Trump Called the Coronavirus "Deadly" in Private While Minimizing Its Risks in Public, Book Reveals. *The New York Times*, 11 set. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/live/2020/09/09/us/trump-vs-biden>. Acesso em 11 out. 2020.

JIMÉNEZ, Tania Selena. *La rencontre de l'autre en voyage: Mémoire de maîtrise en communication*. Montréal: Université du Québec à Montréal, 2010. Disponível em: <https://archipel.uqam.ca/3037/1/M11420.pdf>. Acesso em 24 jan. 2021.

JUNQUEIRA, Diego. Laboratório do Exército já gastou mais de R\$ 1,5 milhão para produção de cloroquina, alvo de investigação do TCU. *Repórter Brasil*, 20 jun. 2020. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2020/06/laboratorio-do-exercito-ja-gastou-mais-de-r-15-milhao-para-fabricacao-de-cloroquina-alvo-de-investigacao-do-tcu/#:~:text=O%20laborat%C3%B3rio%20do%20Ex%C3%A9rcito%20firmou,de%20compras%20do%20governo%20federal>. Acesso em 11 out. 2020.

KADANUS, Kelli; ABRÃO, Camila. Governadores e prefeitos isolam Bolsonaro após pronunciamento sobre coronavírus. *Gazeta do Povo*, 25 mar. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/bolsonaro-isolado-governadores-coronavirus/>. Acesso em 11 out. 2020.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LATOUR, Bruno. *Down to Earth*. Cambridge: Polity Press, 2018.

MARIZ, Renata. Troca de ministros na saúde atrasou operação de novas UTI's pelo Brasil. *Época*, 22 maio 2020. Disponível em: <https://epoca.globo.com/brasil/troca-de-ministros-na-saude-atrasou-operacao-de-novas-utis-pelo-brasil-24440313>. Acesso em 11 out. 2020.

MATTOS, Maria de Fátima da Silva Costa Garcia. O sentido da Modernidade no imaginário do século XIX. *Dobras*, São Paulo, v. 3, n. 6, 2009. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/291>. Acesso em 4 nov. 2019.

MAUPASSANT, Guy de. O Horla. In: MAUPASSANT, Guy de. *O Horla, A cabeleira, A mão e O colar*. Porto Alegre: Artes e Ofícios Editora, p. 11-59, 2011.

MAXMEN, Amy. Why the United States is having a coronavirus data crisis. *Nature*, 25 ago. 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-020-02478-z>. Acesso em 4 out. 2020.

ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

PILKINGTON, Ed. Six months of Trump's Covid denials: "It'll go away... It's fading". *The Guardian*, 29 jul. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/jul/29/trump-coronavirus-science-denial-timeline-what-has-he-said>. Acesso em 11 out. 2020.

PISANO, Gary P.; SADUN, Raffaella; ZANINI, Michele. Lessons from Italy's response to coronavirus. *Harvard Business Review*, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://hbr.org/2020/03/lessons-from-italys-response-to-coronavirus>. Acesso em 11 out. 2020.

POLÓNIO, Rui. Temos de escolher os pacientes que salvamos. É algo que nos revira as entranhas. *TSF*, 26 mar. 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/temos-de-escolher-os-pacientes-que-salvamos-e-algo-que-nos-revira-as-entranhas-11981844.html>. Acesso em 11 out. 2020.

RADU, Sintia. Countries With the Most Well-Developed Public Health Care Systems. *U.S. News & World Report*, 21 jan. 2020. Disponível em: <https://www.usnews.com/news/best-countries/slideshows/countries-with-the-most-well-developed-public-health-care-system> Acesso em 4 out. 2020.

ROMAN, Myriam; TOMICHE, Anne. *Figures du parasite*. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal: 2001.

ROSEMBERG, Elis S. Association of Treatment With Hydroxychloroquine or Azithromycin With In-Hospital Mortality in Patients With COVID-19 in New York State. *Journal of the American Medical Association*, 11 maio 2020. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jama/fullarticle/2766117#nav>. Acesso em 11 out. 2020.

SAJID, Islamuddin. New Zealand reports first COVID-19 death since May. *AA*, 4 set. 2020. Disponível em: <https://www.aa.com.tr/en/asia-pacific/new-zealand-reports-first-covid-19-death-since-may/1962870>. Acesso em 4 out. 2020.

SANG-HUN, Choe. New Covid-19 Outbreaks Test South Korea's Strategy. *The New York Times*, 2 out. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/09/02/world/asia/south-korea-covid-19.html>. Acesso em 4 out. 2020.

SERRES, Michel. *Atlas*. Madrid: Ediciones Cátedra, S. A, 1995.

SILVA, Luiz Jacintho da. O controle das endemias no Brasil e sua história. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 44-47, jan. 2003. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252003000100026&lng=en&nrm=iso. Acesso em 19 jan. 2021.

SMITH, Erin. US coronavirus data will now go straight to the White House. Here's what this means for the world. *The conversation*, 17 jul. 2020. Disponível em: <https://theconversation.com/amp/us-coronavirus-data-will-now-go-straight-to-the-white-house-heres-what-this-means-for-the-world-142814>. Acesso em 11 out. 2020.

STEINBUCH, Yaron. Mayor of Wuhan, epicenter city of coronavirus, offers to resign over outbreak. *New York Post*, 27 jan. 2020. Disponível em: <https://nypost.com/2020/01/27/mayor-of-wuhan-epicenter-city-of-coronavirus-offers-to-resign-over-outbreak/>. Acesso em 4 out. 2020.

STRAUB, Elizabeth. *Maupassant and Medicine: The intersection between the works of Guy de Maupassant and the development of psychiatry and neurology in fin-de-siècle France*. Carolina do Norte: Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill, 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/210594956.pdf>. Acesso em 24 jan. 2021.

TEIXEIRA, Luiz Antônio. Da transmissão hídrica à culicidiana: a febre amarela na sociedade de medicina e cirurgia de São Paulo. *Revista brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 217-242, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em 20 jan. 2021.

THAROOR, Ishaan. Bolsonaro may be the world's coronavirus skeptic in chief. *The Washington Post*, 7 abr. 2020. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2020/04/07/bolsonaro-may-be-worlds-coronavirus-skeptic-in-chief/>. Acesso em 11 out. 2020.

THUMEREL, Thérèse. Folie (autour) d'une vie et d'une œuvre: "Le Horla" de Guy de Maupassant. *Études Normandes*, ano 39, n. 2, p. 98-111, 1990. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/etnor_0014-2158_1990_num_39_2_1931. Acesso em 15 jan. 2020.

WORLD HEALTH ORGANISATION. *WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard*, 11 out. 2020. Disponível em: <https://covid19.who.int/table>. Acesso em 11 out. 2020.